

A PUBLICIZAÇÃO DO CORPO DA MULHER EM A *HISTÓRIA DE AIA*

MARIANA JANTSCH DE SOUZA¹; ERCÍLIA ANA CAZARIN²

¹Universidade Católica de Pelotas – marianajsouza@yahoo.com.br

²Universidade Católica de Pelotas – eacazarin@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir a representação da condição feminina no filme *A história de Aia* centrando-se na questão da publicização do corpo da mulher a partir das questões de gênero, situando-se na área das Letras. No filme a delimitação dos espaços público e privado surge redefinida em uma sociedade ditatorial distópica e patriarcal. Nesta sociedade, há uma hierarquização severa, exercida de modo extremo em relação às mulheres, divididas em classes: esposas, tutoras, Marthas e aias. Entre os homens há uma classe que se pode considerar plenamente livre: são os generais que comandam o regime. O restante dos homens também é segregado em classes e sofre limitações em suas liberdades. Em relação às mulheres, todas as classes estão sob o domínio masculino, sendo as aias objeto de dominação máxima.

A diferenciação entre público e privado repercute de forma significativa na vida dos indivíduos, especialmente na esfera jurídica, por determinar, *grosso modo*, até onde vai a liberdade plena dos sujeitos e em que ponto ela começa a ser mitigada, dando lugar à ideia de público, coletivo e/ou social. A distinção entre esses espaços diz respeito, em última análise, ao exercício das liberdades individuais, que em princípio não encontram limitações no plano privado. Este aspecto do privado é ressaltado quando se põem em discussão as relações de gênero, o papel e os espaços da mulher na sociedade. A intenção, portanto, é analisar a condição da mulher na República de Gilead, nos espaços públicos e privados.

Para realizar essa proposta, recorreu-se às considerações teóricas de Hannah Arendt e Sofia Aboim para discutir as noções de público e privado e relacioná-las às questões de gênero aqui discutidas. Também embasam essa análise as considerações de Jacques Aumont acerca da linguagem fílmica, as quais possibilitam uma reflexão sobre o texto fílmico, considerando-o em seus aspectos imagéticos e linguísticos.

O objeto da análise proposta é o filme *A história de Aia*, de 1990, dirigido por Volker Schlöndorff, baseado no romance *O conto de Aia*, de Margaret Atwood, publicado em 1985. Trata-se de uma narrativa de ficção futurista. A trama é narrada por Kate (ou Offred), a personagem principal, que conta sua captura e prisão na República de Gilead, uma sociedade distópica em regime de exceção política.

Para pensar sobre a publicização do corpo da mulher recorreu-se às considerações de Hannah Arendt acerca da dicotomia público e privado. Há duas esferas em que se desenvolve a vida ou atividade humana: a pública e a privada. Para Arendt, a ação política está associada ao público e à liberdade: “ação política dá-se publicamente e abre espaço à liberdade, ao passo que o labor está relacionado com a necessidade das exigências da natureza que se verificam privadamente” (FRY, 2010, p.67). O termo público relaciona-se a dois fenômenos: a ideia de publicidade e de coisa comum, de todos. A esfera privada surge do termo privação, no sentido de privar-se daquilo que é comum. No âmbito do privado, que é

tido como pré-político ou pré-condição para a vida pública, dão-se as relações íntimas, regidas pela vontade do chefe da família, não havendo, originalmente, igualdade e liberdade nesse espaço.

Em essência, a distinção entre público e privado pode ser resumida na relação entre o âmbito da família (o privado) e o âmbito da vida/ação política (o público). Essa distinção também implica para Arendt a necessidade de que certas ações humanas devem ser realizadas no plano público e outras no plano privado: “O significado mais elementar das duas esferas indica que há coisas que devem ser ocultadas e outras que necessitam ser expostas em público para que possam adquirir alguma forma de existência” (1999, p. 84). Diante disso, pode-se perceber que a exclusão da mulher do espaço público significa o banimento de realizar as ações próprias dessa esfera da vida.

2. METODOLOGIA

Ao analisar um filme é importante considerar que o cinema é um meio de significação, uma linguagem como outras formas de linguagem e de expressão, conforme ressalta Jacques Aumont na obra *Cinema e Linguagem*. O autor destaca inicialmente que o cinema é uma forma estética que utiliza a imagem como principal meio de expressão (p. 173). Assim, o material significativo do cinema é a imagem no sentido amplo colocada em sequência, o que forma a linguagem do cinema.

Nesta análise observou-se a condição da mulher na República de Gilead a partir das aias, tendo em vista a ideia de texto fílmico. Para tanto, selecionou-se a primeira cena de coito apresentada na longa metragem, a qual é percebida como um excelente resumo da condição das aias: tornam-se corpos públicos, propriedade do Estado. Analisar essa cena também permite refletir sobre a ingerência do Estado no espaço privado, tornando o ato do coito de interesse público e realizado em função da vontade e do interesse público.

Nesse sentido, o público e o privado pensados em relação às questões de gênero explicitam que a igualdade e a liberdade são frutos da esfera pública, de modo que se concretizam na vida pública. Conforme observa Arendt: “**a polis** diferenciava-se da família pelo fato de **somente conhecer iguais**, ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade” (1999, p. 41, grifei). A partir dessas considerações que foi analisada a publicização do corpo da mulher em *A história de aia*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *A história de Aia* é representada uma distopia, um sistema social ditatorial dirigido por militares em uma sociedade afetada por uma epidemia que deixou a maioria das mulheres estéreis. O Estado é governado por homens, ou seja, o poder está exclusivamente na mão de homens. Não há mulheres em posição de poder social. Aos homens é dada liberdade plena: frequentam todos os espaços. Mesmo os homens que estão na categoria social mais baixa não têm suas liberdades tão restringidas quanto as mulheres, que tem acesso apenas aos espaços pré-definidos pelos homens. As mulheres não têm domínio de seu corpo, primeiro espaço que é retirado do controle e poder feminino: o corpo da mulher é uma extensão das propriedades masculinas. Contudo, não se pode ignorar que a liberdade social é determinada pela classe de cada homem, ou seja, pelo poder que dispõe: quanto mais poder mais liberdade.

Quanto às mulheres, os papéis e espaços que lhes cabem são retratados de forma rígida. Nenhuma categoria de mulher dispõe de toda a liberdade que os homens desfrutam. Há classes bem definidas de mulheres, para cada classe corresponde um determinado espaço social, as funções e os papéis de cada classe também são bem definidos. Com os homens ocorre a mesma divisão rígida em categorias sociais, porém a segregação masculina não é destacada. Há os militares (que tem mais liberdades e poderes), há os homens comuns, trabalhadores/operários e também a parcela da população escravizada (homens e mulheres).

As mulheres estão explicitamente sob o domínio masculino, desfrutando de um pouco mais de liberdade conforme sua classe (as esposas são as que têm mais liberdade entre as mulheres). Todas, no entanto, estão sob o jugo masculino. As aias estão na base da pirâmide social de mulheres, são as únicas mulheres férteis na sociedade e em razão disso, perderam o domínio do próprio corpo, que existe exclusivamente para servir ao Estado como fonte de procriação. É neste espaço social que é inserida a mulher e, diante disso, fez-se um recorte no texto fílmico para analisar o espaço da mulher nesse discurso, nessa sociedade. Selecionou-se, então, a primeira cena de coito como foco da análise.

O coito é um dos atos mais íntimos e privados da vida humana, sendo praticado em qualquer circunstância no ambiente privado. Até quando se torna um ato público, realizado conforme a vontade do Estado, continua sendo restrito à esfera privada. É o que ocorre na República de Gilead: torna-se um ato público, um assunto e interesse públicos. Porém, a sua concretização no âmbito privado não retira o caráter público que o coito assume no texto fílmico.

O coito torna-se assunto público em razão da infertilidade da maioria das mulheres em Gilead. Em decorrência disso, o corpo da mulher fértil é tomado como propriedade pública, sai da esfera do privado, do domínio e da autonomia da vontade para entrar no âmbito coletivo e tornar-se um instrumento do Estado a serviço da reprodução da espécie, uma *longa manus* do Estado para garantir a perpetuação humana.

A partir dessa cena, é possível perceber o primeiro aspecto a denunciar a publicização do corpo da mulher fértil: o ato de coito é uma cerimônia oficial que exige um ritual com caráter solene. A aia, pois, é levada à sala da casa do comandante e posicionada pelo funcionário do comandante (Nick) ao centro deste recinto. É posta de joelhos sobre uma almofada e tem seu rosto encoberto por um véu, toda sua vestimenta é de cor vermelho, simbolizando a fertilidade que seu corpo detém. Casa personagem dessa cerimônia, portanto, tem uma posição na cena. O comandante é o mestre da cerimônia, conduzindo-a até o fim. A esposa também se posiciona de joelhos, gentilmente apoiada por seu marido, e sua vestimenta é toda da cor azul.

A cerimônia é iniciada com a leitura da bíblia, o que explicita o aspecto religioso da dominação militar vivida em Gilead por meio de um regime ditatorial, conforme trecho transcrito. Assim, antes de qualquer ato, é lida uma passagem da bíblia utilizada como justificativa ou argumento autorizador do coito público, da publicização do corpo da mulher fértil. Isso porque Deus quer que os homens procriem, perpetuem a espécie humana, e realizar a vontade Dele é dever de todos os homens. Então, a ideia é que toda a cerimônia se realiza para obedecer a vontade de Deus, seguir os mandamentos determinados na bíblia. E, para cumprir com esse dever, as mulheres devem tolerar todos os meios necessários à procriação, assim como Raquel e Bala toleraram.

O coito se realiza privadamente, ou seja, em um ambiente íntimo (o quarto do casal) e apenas com as três personagens envolvidas no ato (Fred, esposa e aia). Ainda que realizado pela vontade de Deus e do Estado, o que o torna um ato público, o coito mantém a aparência de privacidade, de liberdade por se efetivar no plano privado.

A cerimônia é desmascarada ao fim, quando a esposa revela sua insatisfação em relação a toda situação. A esposa direciona essa raiva para a aia e não para o marido, pois todo o sistema de dominação social é construído de forma a colocar a mulher aia na posição social de maior vulnerabilidade pela falta da mínima autonomia sobre si, sobre seu corpo. O único que se mostra satisfeito com a situação é o comandante, pois o homem, neste ato, é o único que não tem sua vontade infringida ou seu corpo violado. É o único que frui dos prazeres do coito. As mulheres, esposa e aia, são forçadas a tolerar esse ato violento. Apesar de a esposa não sofrer nenhum abuso de natureza física, sofre uma violência simbólica por ser impelida a permitir que outra mulher entre no seu espaço mais íntimo, e também perde o domínio de sua privacidade por força da vontade do Estado.

4. CONCLUSÕES

Nesta análise observou-se o papel da mulher no texto fílmico *A história de aia*, partindo da personagem protagonista e narradora, Kate, a quem coube a função social de aia na República de Gilead.

Percebe-se que aia é uma função social em que a mulher perde o domínio sobre si, pois seu corpo torna-se instrumento para a procriação e perpetuação da espécie. A aia ocupa a posição social mais vulnerável e subjugada ao poder masculino: torna-se uma propriedade pública, à disposição do Estado. É assim que realiza a publicização do corpo da mulher.

Discutir sobre os espaços público e privado em relação às delimitações de gênero que se vive em sociedade corresponde à intenção de refletir sobre os espaços a que cada gênero tem acesso e a forma como esse acesso é regulado. Pensar os espaços que cabem a homens e a mulheres é pensar sobre liberdade e igualdade em relação a cada sexo. É pensar sobre o papel social atribuído e as atividades correspondentes a cada sexo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 344, p. 95-117, janeiro-abril/2012.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- AUMONT, Jacques et al. Cinema e linguagem. In _____. **A estética do filme**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1995, p. 157-222.
- A HISTÓRIA DE AIA**. Volker Schlöndorff. Estados Unidos da América: Cinecom Entertainment Group, 1990. 108 min.
- FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Trad. Paulo Ferreira Valério. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.